

“Quem é você?”: reflexões sobre leitura de mundo e tematização na composição coreográfica de ginástica para todos

“Who are you?”: reflections on reading the world and thematization in the choreographic composition of gymnastics for all

Priscila Lopes¹

Luísa Aguiar Lopes Cordeiro²

Flávia Gonçalves da Silva³

Alan Faber do Nascimento⁴

Resumo: Este estudo analisa o processo de construção da coreografia de Ginástica para Todos “Quem é você?”, elaborada por integrantes do projeto de extensão Grupo de Ginástica de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri em 2022. Discutiram-se aspectos da mediação pedagógica, pautada na pedagogia freiriana, com foco nas fases de Leitura de mundo e Tematização, no intuito de compreender as relações dos extensionistas com a realidade circunstancial que os levaram a seleção do tema “Máscaras sociais” como gerador da coreografia. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo utilizando como fonte de dados a documentação pedagógica produzida no decorrer do semestre – plano de trabalho, planejamento diário das aulas-encontros e diários de campo, os quais foram tratados por análise temática e triangulação. Os resultados indicam que, desde a escolha do tema da coreografia, os educandos foram estimulados a refletirem sobre sua situação no e com o mundo, evidenciando o desenvolvimento de um processo educativo crítico que busca por uma formação humanizadora e emancipatória, em consonância com as diretrizes da extensão universitária que primam por ações que promovam a interação dialógica entre universidade e comunidade, o impacto e transformação social no projeto estudado.

Palavras-chave: extensão universitária; ginástica para todos; redes sociais.

Abstract: This study analyzes the process of creating the Gymnastics for All choreography “Who are you?”, developed by members of the Grupo de Ginástica de Diamantina extension project at the Federal University of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys in 2022. Aspects of pedagogical mediation were discussed, based on Freirean pedagogy, with a focus on the Reading of the World and Thematization phases, in order to understand the relationships of the extensionists with the circumstantial reality that led them to select the theme “Social Masks” as the generator of the choreography. A qualitative study was carried out using as a data source the pedagogical documentation produced during the semester –

¹ Doutora em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: priscila.lopes@ufvjm.edu.br.

² Graduada em Educação Física na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: luisa.aguiar@ufvjm.edu.br.

³ Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica/SP. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: flavia.gonsalves@ufvjm.edu.br.

⁴ Doutor em Geografia Humana pela Universidade Estadual Paulista. Docente do curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: alan.faber@ufvjm.edu.br.

work plan, daily planning of class-meetings and field diaries, which were treated by thematic analysis and triangulation. The results indicate that, since the choice of the theme of the choreography, the students were encouraged to reflect on their situation in and with the world, evidencing the development of a critical educational process that seeks a humanizing and emancipatory formation, in line with the guidelines of university extension that prioritize actions that promote dialogical interaction between university and community, the impact and social transformation in the project studied.

Keywords: university extension; gymnastics for all; social networks.

INTRODUÇÃO

A compreensão de que somos sujeitos inacabados e, portanto, em constante processo de desenvolvimento, evidencia a inter-relação entre humanização e educação. Enquanto manifestação exclusivamente humana, “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire, 1996, p. 13).

Reconhecendo-se inacabado, o ser humano está em um esforço contínuo para o seu aprimoramento. Mas enquanto ser de relações no e com o mundo, com as pessoas, o processo de humanização engloba não somente a reflexão e a busca pela transformação de si mesmo, como também da realidade que o cerca. Nesse sentido, a educação como processo de humanização se dá por meio da *práxis* – a partir da ação-reflexão-ação do coletivo – pelo diálogo entre os sujeitos mediatizados pela realidade em que vivem. E quanto mais reconhecer, de forma crítica, as circunstâncias objetivas do contexto vivido, mais o ser humano tem condições de realizar a busca pela transformação de si e do mundo (Freire, 1969; 1994).

O presente artigo se debruça sobre processos formativos desenvolvidos no âmbito universitário. Enquanto instituição que sistematiza e socializa conhecimentos já consolidados, a universidade também tem a missão de lidar com a permanente desconstrução e reconstrução de novos saberes por meio da tríade ensino-pesquisa-extensão, tornando-se espaço privilegiado no qual se transitam ideias e fundamentos que interferem na transformação societária (Almeida, 2015). No entanto, sem negar a evidente relação imbricada entre a universidade e a sociedade, é preciso destacar o desafio da extensão universitária em concretizar tal relação de forma crítica para que os impactos e transformações sociais sejam efetivos (Cruz; Vasconcelos, 2017; Gadotti, 2017).

Firmada a partir da criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX) em 1987, a extensão refere-se a um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FROPROEX, 2012, p.15). Deve ser desenvolvida a partir de diretrizes que orientam a promoção de relações com os setores sociais pelo diálogo e troca de saberes, fundamentadas por metodologias que estimulam a participação e a democratização do conhecimento por meio da participação efetiva e ativa de todos os envolvidos. Tais relações devem favorecer uma atuação transformadora voltada aos interesses e às necessidades da população, contribuindo para o desenvolvimento social e regional, incluindo-se a universidade como parte da sociedade que precisa ser impactada e transformada, fato que imprime à extensão um caráter essencialmente político.

Logo, as ações extensionistas precisam dialogar com a realidade imediata dos sujeitos que dela participam, tanto os atores da universidade quanto da comunidade. O agir humano é dinâmico e sensível à percepção atualizada do contexto vivido, se entrelaça com o tempo e espaço, o que aponta a necessidade de uma apreensão da conjuntura social dos sujeitos nos momentos iniciais da ação pedagógica (Freire, 1985; 1994; 1996). Estabelecer elos entre os

saberes que serão trabalhados na extensão com as necessidades reais e atuais dos extensionistas pode contribuir para que o aprendizado seja impregnado de sentidos e significados.

Diante do exposto, este estudo aborda a experiência do projeto de extensão Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o qual desenvolve ações no campo da Ginástica para Todos (GPT) com base em pressupostos da pedagogia de Paulo Freire.

O artigo analisa o processo de construção coreográfica de GPT intitulada “Quem é você?”, elaborada por integrantes do GGD no ano de 2022, com foco sobre os aspectos da mediação pedagógica realizada nas fases de Leitura de mundo e Tematização, no intuito de compreender as relações dos extensionistas com a realidade circunstancial que os levaram a seleção do tema gerador da coreografia.

Pretendemos com isso, colaborar com reflexões acerca das possibilidades de trabalhar a extensão universitária no campo das práticas corporais de forma dialógica e política. Destacamos a importância do movimento de ação-reflexão-ação sobre a própria prática educativa, elemento fundamental na pedagogia freiriana, pois possibilita o exercício da autocrítica no intuito de aprimorar as atividades pedagógicas no decorrer da formação e atuação profissional (Freire, 1996).

O contexto do projeto de extensão GGD

Em desenvolvimento desde 2011 e vinculado ao Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte (PROCARTE) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFVJM, o GGD tem como objetivo geral promover a formação humanizadora e emancipatória dos extensionistas por meio da prática da GPT, dialogando com as experiências de vida dos sujeitos e com a cultura da região de abrangência da UFVJM, de forma que compreendam o contexto em que estão inseridos, fomentando a interação entre os saberes científico e popular e as diferentes linguagens (GGD, 2024).

Aberto à participação da comunidade adulta (acima de 18 anos) da cidade de Diamantina/MG e região, a proposta do GGD envolve a realização de encontros semanais para desenvolver habilidades no campo da GPT atreladas às manifestações corporais, artísticas e culturais que foram vivenciadas pelos extensionistas, e tem como meta principal a produção de composições coreográficas originais (GGD, 2024).

A GPT é uma prática corporal pertencente ao universo das ginásticas e, por isso, tem como base os movimentos gímnicos característicos dos diferentes tipos de ginásticas (artística, rítmica, acrobática, exercícios de condicionamento físico etc.), com ou sem a utilização de aparelhos/equipamentos. No entanto, esses movimentos são realizados de forma livre e criativa, uma vez que não existe um conjunto de regras pré-estabelecidas que determine o desenvolvimento da prática. O diálogo com outras manifestações – cultura corporal (jogos, esportes, lutas etc.), artística (dança, teatro, artes plásticas etc.) e popular (contos, festas, costumes etc.) – é possível e desejável, o que favorece a construção de gestos expressivos que ampliam o modelo codificado evidente nas modalidades gímnicas esportivizadas. Nessa dinâmica, são propiciadas a inclusão e a participação irrestrita (independente de gênero, idade, habilidades prévias etc.) em prol do divertimento, prazer pela prática e formação humanizadora dos sujeitos (Ayoub, 2003; Toledo; Tsukamoto; Carbinatto, 2024).

A principal forma de manifestação da GPT é a apresentação de coreografias no próprio ambiente de prática e/ou em festivais externos, as quais são elaboradas pelos participantes de forma coletiva e democrática, fator que leva a maior valorização do processo de construção que do produto final – a coreografia pronta – potencializando o viés educativo da GPT (Graner; Paoliello; Bortoleto, 2017; Marcassa, 2004). A composição coreográfica é o eixo central da prática, por meio da qual todos os demais fundamentos que a caracterizam podem ser

articulados (Toledo; Tsukamoto; Carbinatto, 2024).

Em 14 anos de existência, o GGD produziu 19 coreografias abordando temas diversificados, tais como a história e a cultura popular da região do Vale do Jequitinhonha, as possibilidades do corpo em movimento, as questões emergentes que atravessam a sociedade atual, entre outros. Essas coreografias foram apresentadas em mais de 20 eventos de cunhos científico e cultural nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia, além de eventos virtuais nacionais e internacionais a partir de 2020 (GGD, 2024).

Desde 2019, a proposta metodológica do projeto é pautada em princípios da pedagogia freiriana. A partir da premissa de que ensinar não é transferir conhecimento, o GGD trabalha o processo de composição coreográfica da mesma forma que em produções de conhecimento noutras práticas educativas. A construção da coreografia busca atender a critérios de rigorosidade metódica que envolvem pesquisas, experimentações e reflexões. Os integrantes do grupo se colocam no centro do processo, de modo que cada extensionista-ginasta-criador compartilhe seus saberes e desejos por meio de uma relação horizontal. Além de conhecerem criticamente os saberes produzidos pela humanidade (elementos das ginásticas e das demais manifestações da cultura corporal, artística e popular; aspectos relativos a outros temas abordados etc.), mediatizados pela realidade em que estão inseridos, atuam na (re)construção de novos conhecimentos – a coreografia pronta (Lopes; Carbinatto, 2023; Lopes; Niquini; Leal, 2023).

PERCURSO METODOLÓGICO

A construção coreográfica ocorreu durante os meses de abril a agosto, período de realização do projeto GGD no primeiro semestre letivo de 2022 na UFVJM. Foram realizadas duas sessões semanais de uma hora e meia de duração, totalizando 34 encontros, com a participação de 22 sujeitos (integrantes do GGD): a coordenadora do projeto (docente do Departamento de Educação Física), a monitora (discente do curso de bacharelado em Educação Física) e 20 extensionistas entre 19 e 38 anos de idade (8 homens e 12 mulheres) pertencentes à comunidade interna e externa à universidade.

Para compreender as relações dos integrantes do GGD com a realidade circunstancial que os levaram a seleção do tema gerador da coreografia, utilizamos como fonte de dados a documentação pedagógica produzida no decorrer do semestre, quais sejam: plano de trabalho (PT), planejamento diário das aulas-encontros (PDAE) e diários de campo (DC), os quais contêm registros da coordenadora e monitora do projeto ao final de cada encontro e transcrições de gravações de áudio dos debates feitos entre os extensionistas durante a construção coreográfica. Os dados contidos em tais documentos serão apresentados nos resultados com as respectivas siglas e, no caso dos PADEs e DCs, acompanhados da numeração correspondente ao encontro realizado no projeto.

A análise dos dados se deu pelo processo de Triangulação (Minayo; Assis; Souza, 2010) a partir da combinação e o cruzamento dos dados provenientes da documentação pedagógica construída durante a ação extensionista.

O processo de análise envolveu a Análise Temática (Braun; Clarcke, 2006) nos dados referentes aos debates realizados durante as fases de Leitura de Mundo e Tematização, presentes nos DCs. A Análise Temática se refere a “[...] um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados”. Neste estudo, os padrões de dados foram determinados de forma indutiva, permitindo que os temas/padrões fossem identificados sem o enquadramento em códigos pré-existentes.

Os temas identificados na Análise Temática foram relacionados com informações presentes no PT, PDAEs e registros da coordenadora e monitora do projeto nos DCs, no intuito de ampliar as fontes que permitem a compreensão do problema investigado, sendo discutidos à luz de teorias no campo da Psicologia e da Sociologia.

Por ser um projeto aprovado em edital oficial da PROEXC/UFVJM, os integrantes do GGD, ao se inscreverem na ação, assinam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estabelecido pelo edital PROCARTE para atender os aspectos éticos necessários para o desenvolvimento de atividades acadêmicas com a comunidade (PROCARTE, 2022). Os nomes dos integrantes do GGD foram substituídos por nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

A EXPERIÊNCIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA

Leitura de mundo e Tematização

A proposta metodológica do GGD articula os preceitos da pedagogia freiriana (Freire, 1994; 1996) a referenciais sobre composição coreográfica em GPT (Graner; Paoliello; Bortoleto, 2017; Marcassa, 2004; Toledo; Tsukamoto; Carbinatto, 2024).

A partir da constante ação-reflexão-ação sobre a própria prática docente, a mediação pedagógica no projeto vem se consolidando pelo desenvolvimento de sete fases: (Re)conhecimentos; Corpo e movimento; Leitura de mundo; Tematização; Aprofundamento; Escrita gestual; Embelezamentos.

A descrição de cada uma das fases foi detalhada em outros estudos sobre processos criativos do GGD (Lopes; Carbinatto, 2023; Lopes; Niquini; Leal, 2023). No presente artigo, nos interessa olhar para as fases Leitura de mundo e Tematização, momentos que se entrelaçam e dão início ao processo criativo para a construção da coreografia.

A Leitura de mundo é apontada como primeiro passo na pedagogia freiriana. Refere-se ao momento de investigação em que, na experiência de Paulo Freire com a alfabetização de adultos, ocorria o levantamento sobre a realidade dos educandos, dos seus modos de vida (Beisiegel, 2010; Feitosa, 2003), visando descobrir, de forma coletiva (educadores e educandos), a “[...] vida através da fala; do mundo através da palavra [...]” (Brandão, 1981, p. 13) e, assim, compreender o universo vocabular do grupo e reunir o material para o processo educativo (Freire, 1963).

A partir desse levantamento, ocorria a Tematização, a qual consiste na seleção de palavras ou temas geradores, escolhidos a partir da riqueza fonêmica e do seu sentido pragmático – potencial de criticidade do tema ou o conjunto de reações socioculturais que pode gerar (Beisiegel, 2010; Brandão, 1981; Feitosa, 2003). Além dos temas geradores subsidiarem o processo de alfabetização, também possibilitavam uma aprendizagem global por meio da interdisciplinaridade envolvendo diferentes áreas do conhecimento (Feitosa, 2003).

Com as palavras ou temas geradores selecionados, o processo educativo era efetivamente iniciado por meio da Problematização e demais fases específicas para a alfabetização (Freire, 1963), a qual, além de desenvolver a leitura e a escrita, buscava a superação de uma visão ingênua sobre a temática estudada por meio da elaboração de situações que permitissem aos educandos refletirem acerca de questões mais amplas, levando ao aumento dos níveis de criticidade do grupo (Feitosa, 2003).

No GGD, as fases de Leitura de mundo e Tematização ocorrem de forma articulada em um movimento constante de ação-reflexão-ação. Durante alguns encontros (em quantidade estabelecida pelo próprio grupo), os integrantes são divididos em subgrupos, nos quais cada sujeito compartilha percepções sobre o que está acontecendo na atualidade e/ou no contexto em que está inserido e que, de alguma forma, são questões pertinentes para a realidade dele. Trata-se do momento de levantamento das possibilidades temáticas que podem impulsionar a construção coreográfica, os quais podem envolver pesquisas com amigos, familiares, materiais virtuais, bibliográficos etc. Após discussões, cada subgrupo seleciona um dos temas sugeridos e cria experimentações corporais – uma pequena cena coreográfica – que é apresentada para o grupo completo. O coletivo discute sobre as apresentações e os argumentos que justificam a

sugestão dos temas são expostos. Após algumas rodadas dessa dinâmica, a partir de uma decisão democrática pautada no potencial de criticidade do que foi sugerido, a temática principal da coreografia é definida (Lopes; Carbinatto, 2023; Lopes; Niquini; Leal, 2023).

Ler o mundo no compor coreográfico do GGD

As fases Leitura de mundo e Tematização realizadas para a construção da coreografia “Quem é você?” aconteceram durante cinco encontros (PT8; 9; 10; 12; 13).

No primeiro encontro destinado à escolha da temática da coreografia, a coordenadora do projeto iniciou perguntando sobre a compreensão acerca do termo “ler o mundo” (PDAE8), o que gerou a seguinte significação:

Registros no DC: As discussões giraram em torno de que ler o mundo significa ver o que está acontecendo na sociedade no momento presente, as coisas que estão acontecendo e que, de uma forma ou de outra, interferem diretamente no cotidiano da vida das pessoas. Também foi apontado que ler o mundo tinha a ver com o grupo que estava fazendo a leitura, pois as pessoas de diferentes realidades não compreendem ou sentem as coisas que acontecem da mesma forma, isso depende de uma série de fatores que envolvem determinado lugar (DC8).

Percebe-se, portanto, uma compreensão da perspectiva freiriana de que somos seres de relações interpessoais no e com o mundo, mediatizados pela realidade em que vivemos (Freire, 1969; 1994). Nesse momento, também fica clara para os integrantes a proposta do projeto GGD em estabelecer, desde o início da ação pedagógica, conexões entre o compor coreográfico e a conjuntura social dos educandos.

Com base nesse entendimento, foi solicitado a organização de pequenos grupos, nos quais deveriam dialogar sobre a leitura de mundo que cada um possuía no presente momento, conforme ilustra a descrição da coordenadora e monitora do projeto retirada do DC8:

Registros no DC: [...] solicitamos que pensassem em temas que fizessem parte da sua realidade e que considerassem importantes, relevantes de serem expressados, dialogados, por meio de uma coreografia de ginástica. Foi salientado que qualquer tema pode ser coreografado, que temas relevantes são aqueles que me deixam triste, revoltado, feliz, esperançoso etc. Não importa o tipo de sentimento que o tema me provoca, o que importa é que o tema me toca de alguma forma (DC8).

Essa atividade foi realizada em três encontros, seguida de discussões no interior de cada grupo para que escolhessem apenas uma temática e criassem uma experimentação corporal que expressasse os sentidos e significados do coletivo sobre o assunto. Por fim, todos os grupos deveriam apresentar suas criações e, ao final, debaterem acerca de suas propostas argumentando sobre a pertinência dos temas (PDAE8; 9; 10).

No primeiro dia, “[...] surgiram muitos temas relacionados com a pandemia, o isolamento social, depressão, solidão e dificuldade de se relacionar presencialmente” (DC8). No decorrer dos dois encontros seguintes, os temas foram expandidos para: “Lixo”; “Capitalismo”; “Máscaras Sociais”; “Violência contra mulher”; “Valorização do professor”; “Energia limpa”; “Cultura popular”; “Queimadas”; “Depressão”; “Dificuldade de se relacionar”; “Pandemia”; “Meio ambiente” (DC9; 10). Logo os integrantes começaram a perceber relações entre os temas sugeridos:

Registros no DC: [...] Muitas vezes, os debates nos levaram à compreensão de que os temas estão interligados, como por exemplo, capitalismo e lixo, depressão e pandemia etc. Discutimos sobre tais relações devido a complexidade da vida: tudo está interligado, não existe nada que fique dentro de uma caixinha e pronto. Mas na coreografia, é preciso focar em uma temática principal para que

a composição não vire uma grande colcha de retalhos desconexos. Não vamos desconsiderar os temas subjacentes, mas precisamos focar em um só (DC10).

As sugestões de temas começaram a se repetir e os debates afunilaram as propostas em “Lixo” e “Máscaras sociais”. Diante disso, optamos por criar, todos juntos, experimentações corporais para cada uma das temáticas mais citadas no intuito de “[...] sentir no corpo como tais temas poderiam ser coreografados” (DC12).

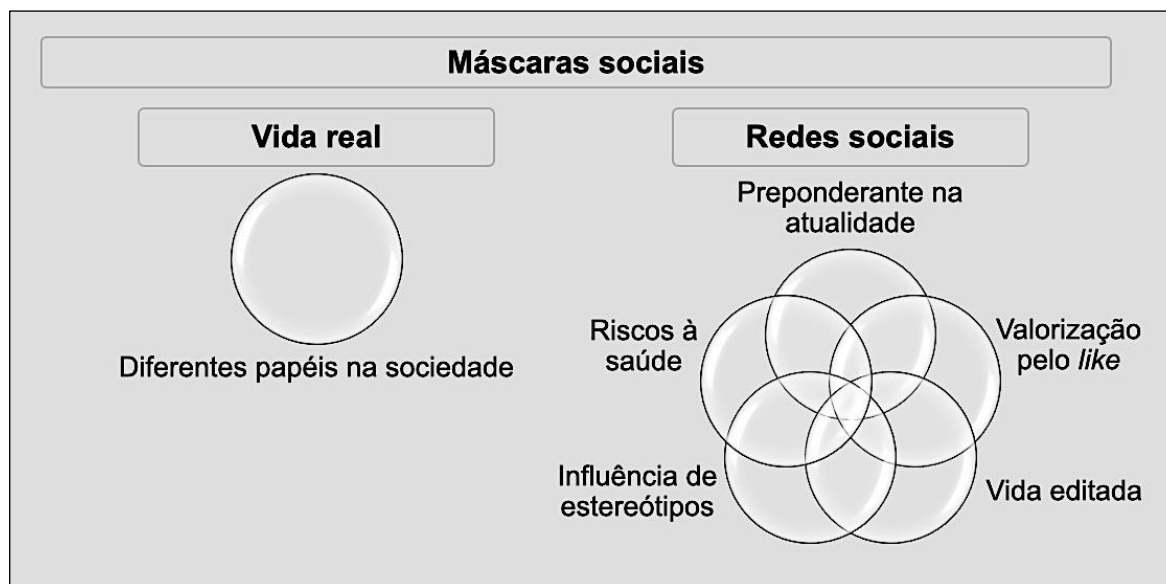
Nessa atividade, a criação de movimentos sobre o tema “Máscaras sociais” foi mais fluida e o debate posterior às experimentações evidenciou que

Registros no DC: [...] essa facilidade pode ter relação com a presença mais cotidiana e marcante do tema Máscaras sociais na realidade do grupo – formado por jovens adultos, em sua maioria estudantes, todos com redes sociais ativas etc. O Lixo é um problema que nos atinge de forma indireta, os impactos são a longo prazo ou em outras esferas que nem sempre percebemos, como sua influência na questão climática, por exemplo (DC12).

As experimentações corporais criadas foram registradas em vídeos, enviados ao coletivo em grupo fechado no aplicativo *WhatsApp* para apreciação de todos. No encontro seguinte, realizamos mais um debate com os integrantes para que pudessem apresentar seus argumentos sobre a preferência acerca de cada um dos temas e, finalmente, escolherem, de forma democrática, qual seria a temática impulsionadora da composição coreográfica (PT13).

Os dados relativos aos debates realizados nos encontros 12 e 13 que culminaram na seleção do tema “Máscaras sociais” para a composição coreográfica foram tratados pela Análise Temática (Braun; Clarke, 2006), gerando a elaboração do seguinte mapa temático:

Figura 1. Mapa Temático



Fonte: Os autores.

Os argumentos apresentados evidenciaram que o tema “Máscaras sociais” era relevante para os integrantes do GGD no que tange dois grandes aspectos: “Vida real” e “Redes sociais”. “Vida real” revelou um subtema – “Diferentes papéis na sociedade”; de “Redes sociais”, emergiram cinco subtemas – “Preponderante na atualidade”, “Valorização pelo *like*”, “Vida editada”, “Influência de estereótipos”, “Riscos à saúde”, os quais apresentam correlações entre

si, mas serão discutidos separadamente para elucidar a singularidade das argumentações.

Ao refletirem sobre a relevância do tema “Máscaras sociais” no aspecto da “Vida real”, foi apontado que as dinâmicas sociais do cotidiano nos solicitam assumir “Diferentes papéis na sociedade”, assim como influenciam pessoas a modificarem suas condutas para ocultarem problemas que podem gerar consequências mais graves, conforme observa-se nos argumentos apresentados abaixo:

Virgínia Fonseca: [...] o jeito como eu me porto na universidade é diferente do jeito que eu me porto na presença dos meus amigos ou na presença da minha família. [...] eu tenho que vestir minha personalidade numa fôrma para que eu caiba naquele lugar. Isso também de fato é uma forma de máscara social. [...] meu terapeuta perguntou quem é você? Eu parei pra pensar, eu não sabia responder [...] Porque eu me portava de uma maneira como eu que queria agradar quem estava comigo, queria ser uma pessoa boa, queria fazer todas as coisas certas, ou seja, eu estava me fantasiando naquilo que as pessoas queriam que eu fosse e não quem eu realmente era. Então, de certa forma, eu me tornei uma máscara que eu usava sobre mim e eu não sabia quem eu era. Acho que se eu perguntar aqui pra todo mundo: “quem é você?”. Acho que poucas pessoas vão saber responder. Estou errada? [...] eu acho que pode ser uma coisa que a gente pode tá voltada pra descobrir quem a gente é. [...]. (DC13).

Virgínia Fonseca: Acho que violência contra mulher pode se encaixar muito bem nessas máscaras sociais. Porque, por exemplo, dentro de casa é uma coisa, dentro de quatro paredes ninguém sabe o que acontece. Quando sai lá fora é só fingir que tá tudo bem. De certa forma, é um tipo de máscara social também. (DC12).

Gkay: É tipo um cenário. A pessoa na rodinha de amigos tá toda feliz. Aí chega em um ambiente em casa, já muda a expressão corporal toda. Aí, já tem a pessoa lá, tipo, batendo na mulher, bravo. Aí, no momento que o cara sai da porta da casa, ele já é outra pessoa. (DC12).

No campo da Psicologia, há diversas formas de compreender o que são as chamadas máscaras (adjetivadas por sociais pelos integrantes do grupo) e personalidade. Logo, as concepções adotadas neste texto não são únicas, mas partem de uma compreensão de indivíduo e de sua formação considerando-o como uma construção social.

Feito esse esclarecimento, pode-se dizer que máscara é algo que o indivíduo consegue colocar e tirar, que o esconde de forma parcial ou total, disfarçando ou modificando alguma coisa que ele não gosta em si e/ou que gostaria de ser. Pode ser entendida como uma personagem, que possibilita adaptação em determinados contextos sociais. Neste aspecto, a máscara tem conotação negativa, justamente por esconder ou disfarçar no indivíduo o que ele entende que não é bem-visto ou que sabidamente é rechaçado pelo grupo social que busca inserção, escondendo características de quem de fato ele é.

O depoimento referente ao homem que comete violência contra a mulher, mas que para o “público” finge ser um marido cuidadoso e afetuoso, evidencia esse tipo de máscara. Outro exemplo, é a menção sobre quando o comportamento é regulado para agradar o outro, negando/escondendo/camuflando quem de fato sou, levando o indivíduo a assumir um personagem que se manifesta tanto na fala, no comportamento com o outro, como também na aparência, em filtros de *selfies* para parecer mais agradável, segundo determinados padrões.

Por outro lado, apesar de o indivíduo se comportar de forma diferente quando está na presença de familiares e dos amigos, por exemplo (neste último se permite falar algumas palavras que não são emitidas diante da família), como indicado no depoimento de Virgínia Fonseca, não significa que a pessoa tenha múltiplas personalidades ou que use máscara social. Apesar da fala ser diferente, as especificidades que a caracterizam permanecem (ser afetuosa, extrovertida, cuidadosa etc.). Esses aspectos se referem à personalidade.

Por personalidade, entende-se que é uma síntese complexa do psiquismo (que é biológico e social, sendo estes indissociáveis) de tal forma que faz com que cada indivíduo seja singular. Nas palavras de Leontiev (2004, p. 129) “[...] não se nasce personalidade, chega-se a ser personalidade por meio da socialização [...]”.

A personalidade é o resultado das complexas relações entre o indivíduo e a sociedade. Nas palavras de Séve (1979, p. 390), é “um sistema de processos objetivos e subjetivos, resultado da luta entre indivíduo e sociedade, em que o primeiro se diferencia do segundo a partir da sua atividade e de seu modo de existência, marcada na contemporaneidade pela luta de classes sociais”. A personalidade está em constante transformação, tendo em vista os aspectos individuais e sociais. Logo, o indivíduo não é o mesmo ao longo de sua vida, apesar de ter certa regularidade nos modos de ser e existir no mundo. Essa regularidade nas formas de ser se refere aos aspectos mais centrais (amplitude das relações entre as pessoas e o mundo, seu grau de hierarquização dos motivos e sua estrutura geral) que o torna singular e que pode se adequar à normas sociais dos diferentes grupos que o indivíduo está inserido (Leontiev, 2021).

Desse modo, a personalidade pode ter como característica a necessidade de se adequar aos diferentes contextos sociais para conseguir algo, inclusive aprovação e inserção, o que pode fazê-lo usar diferentes máscaras. E é fato que camuflar comportamentos ou modos de ser que o indivíduo não gosta para tentar se ajustar a determinados padrões sociais não é um fenômeno novo na história da sociedade humana, mas as redes sociais potencializaram esse aspecto de forma exponencial, além de sua manifestação também ter suas peculiaridades. O sociólogo Zygmunt Bauman fez estudos bastante sólidos sobre esse aspecto, defendendo que a virtualidade torna cada vez mais fluidas e efêmeras as relações sociais e o próprio indivíduo (Bauman, 2005; 2008).

Na perspectiva das identidades, pode-se dizer que os “Diferentes papéis na sociedade” se relacionam com a necessidade de sempre mostrar o melhor de cada um nos remete, o que remete à fluidez que a construção da identidade passou a ter à medida que as fontes tradicionais de as organizar foram perdendo valor. Com efeito, se antes, a nossa identidade era construída sobretudo por meio de instituições sociais e políticas, como o Estado-Nação, o trabalho, a religião, hoje, experimenta-se uma situação em que o “eu” é definido especialmente pela volatilidade daquilo que é consumível, vendável. Assim, tornamo-nos “seres proteus”, conforme observou o psicólogo Robert Jay Lifton em analogia ao mito grego de Proteu, um deus marinho que tinha o dom de assumir qualquer forma que desejasse (Fontenelle, 2004).

Pode-se imaginar que essa nova condição identitária seja uma redenção em relação a um tempo em que os indivíduos eram definidos por fatores externos a eles e autoridades inquestionáveis. Tome-se como exemplo as identidades de nascimento, definidas pelo pertencimento a um Estado-Nação, hegemônicas durante o século XIX e boa parte do século passado. Nelas, a possibilidade de mudança era nula, haja vista sua natureza coercitiva – afinal, é o Estado que define a fronteira entre o “eu” e os “outros” (Bauman, 2005).

Atualmente, é ao contrário disso, as identidades “fluidas” são construídas, ou melhor, adquiridas pelo próprio indivíduo. Mais precisamente, em vez de uma totalidade única, centrada e estável, mantida sob coerção, o indivíduo se fragmenta, dissolve-se em inúmeras possibilidades, de modo que ele passa a ser composto não de uma única, mas de várias identidades (máscaras denominadas pelo grupo), algumas delas, inclusive, contraditórias ou não-resolvidas (Hall, 2006).

No que toca o aspecto das “Redes sociais”, os integrantes apontaram a sua “Preponderância na atualidade” como relevância para que a temática “Máscaras sociais” fosse a inspiração da composição coreográfica, como observa-se nos argumentos a seguir:

Boca Rosa: [...] é uma coisa muito urgente, tipo, é uma coisa que tá aqui na nossa cara o tempo todo e todo mundo vive isso. Tipo, de alguma forma, todo mundo vive isso. E a gente tá voltado hoje em dia para essa área tecnológica, que tudo tá voltado para minha rede social, todas as notícias que a gente vê hoje em dia, a maioria tá voltada pra isso. [...] a gente sabe mais da vida de um *influencer* do que da vida de um amigo [...]. (DC12).

Jade Picon: [...] É um tema que tá latente em todo mundo, em quem tá fazendo e em quem vai assistir. (DC13).

Sob os olhos do presente, pode parecer que esse tipo de sociabilidade imagética, baseada na produção e no consumo massificado de signos de beleza, prosperidade, empreendedorismo, felicidade, seja um processo recente, fruto, sobretudo, da disseminação das redes sociais, a partir dos anos 2000. Mas, na verdade, não o é.

Em *The Image*, obra publicada em 1960, por Daniel Boorstin, o autor nos brinda com uma cena comum do pós-guerra norte-americano. Nela, figuram duas mães, acompanhadas por seus filhos, que se encontram no estacionamento de um *shopping center* do subúrbio onde moram. Em dado momento da conversa entre as duas mulheres, ao se sentir deslumbrada pelo crescimento do filho da amiga, a primeira diz “Nossa, como ele está bonito”. Ao que a segunda mãe responde “Que nada, você precisa ver a foto dele!” (Boorstin, 1992).

De fato, como observou Baudrillard (1991), a vida social baseada na imagem remete à própria consolidação do que se convencionou chamar de sociedade do consumo. Trata-se de um momento da formação histórica do capitalismo em que o cotidiano, em sua plenitude, é abarcado pelo consumo – quando a reprodução do capital e, por consequência, da sobrevivência de seus pressupostos e relações de produção, ocorre, sobretudo, pelo cotidiano e não mais no chão da fábrica, tal como aponta o filósofo marxista Henri Lefebvre (2002).

Alguns marcos datam esse processo: a urbanização e a industrialização das sociedades nacionais; o desenvolvimento do cinema, da televisão, da publicidade, das viagens turísticas; o crescimento das classes médias; a integração entre a economia e a cultura; a associação do consumo aos ideais de progresso e felicidade – o que viria acontecer somente no século XX, uma vez que, até então, a palavra consumir estava associada à destruição.

Contudo, o advento das redes sociais parece delimitar uma nova etapa, marcada por uma fusão entre a realidade e a representação, entre forma e conteúdo, entre o concreto e o abstrato, entre o real e o virtual, entre o “*mundo online*” e o “*mundo offline*”. Enfim, está-se cada vez mais adiantado na fase mais pura da sociedade do consumo – onde a existência de cada um depende de “estar na imagem” e “viver” é sinônimo de *performance*, de criar impressões e “viralizar”, de construir audiências e manter seguidores (Fontenelle, 2004).

Eis aí razão pela qual as redes sociais acabaram por subsumir a totalidade dos tempos sociais. Seja no trabalho, na escola, no lazer ou em casa, a vida transformou-se num *broadcast live* ininterrupto, em que o sucesso ou o fracasso desse empreendimento midiático dependerá tão somente do indivíduo, como faz crer as ideologias neoliberais presentes em guias para o sucesso e a felicidade, em livros de autoajuda e empoderamento, nos aconselhamentos de *influencers* e *coaches*.

O subtema “Valorização pelo *like*” demonstrou que o reconhecimento externo impacta a forma como os sujeitos utilizam as redes sociais, conforme ilustra os depoimentos abaixo:

Mari Maria: [...] No início da pandemia, [...] a minha vida com meu filho era relatada na rede social porque era o *like* que me dava força para ficar inventando coisas para aguentar ele dentro de casa. [...] A sensação que eu tenho é quanto mais problema eu tenho com algo ou mais problemas que estou tendo naquele momento na vida, é o momento que eu mais posto na rede social. (DC13).
Maise: Todo mundo só se importa se viraliza na *internet*. Se for um caso isolado que ninguém repostou, ninguém se importa. (DC13).

O apelo e a busca incessante do indivíduo pelo reconhecimento nas redes sociais parecem guardar significado com aquilo que passou a ser a lógica do consumo contemporâneo. Trata-se de um consumo viral, à maneira de um “meme”, em que o ato de consumir deixou de estar atrelado, pelo menos em parte, até mesmo às manipulações publicitárias.

Lipovetsky (2005) nos mostra como a publicidade pós-moderna, em suas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, tem adotado um tom cada vez mais irônico e satírico, em contraponto aos lugares-comuns das mensagens elaboradas do passado, em que os

produtos buscavam seduzir o consumidor prometendo-lhes felicidade, força, sossego, beleza, saúde, juventude etc. Não que essas promessas tenham sido deixadas de lado pelos anúncios. Mas o fato é que se está diante de um tempo em que se este ou aquele produto está sendo consumido, isso simplesmente se deve à percepção de que todas as outras pessoas estão o consumindo – eis a razão estrutural da lógica mimética das redes sociais.

Destarte, a relação fetichista central da sociabilidade capitalista, tal como desvendada por Karl Marx, qual seja, a das coisas que encobrem relações reais entre homens, assume uma feição ainda mais fetichizada. Trata-se, agora, de uma relação entre a imagem das coisas. Com efeito, a realidade produzida pela globalização econômica e tecnológica do capital opera como se fundisse o real com a representação, como se não houvesse mais nenhuma separação entre eles. No limite, significa dizer que a própria realidade virou um espetáculo (Nascimento, 2020).

O enredo do filme *O Show de Truman – O Show da vida*, lançado na virada do século, em 1998, é um bom exemplo do que se está a dizer. Truman Burbank, o protagonista da história, nasceu dentro de um *reality show*. Todas as pessoas com que ele se relaciona são atores e atrizes contratados, inclusive sua mulher. A casa e a cidade onde ele vive são cenários. Filmadoras e microcâmaras espalhadas em salas e quartos, praças e ruas, bancos e restaurantes, captam, ininterruptamente, o seu dia a dia. Sua vida é um sucesso de audiência. Tal como numa telenovela, os telespectadores gastam suas horas de lazer acompanhando-o pela televisão. O detalhe é que todos, com exceção de Truman Burbank, sabem que aquilo é um *reality show*.

Um fato curioso da vida como um *reality show* é o aspecto comportamental mimético de seus telespectadores. Assim, todos procuram tirar proveito da fama de Truman Burbank para anunciar mercadorias. Por exemplo, se no *reality show* ele se encanta seja por um carro, um shampoo, uma ferramenta, o resultado na vida real é que as vendas desses produtos crescem. Porém, se ele detesta alguma coisa, pode-se ter certeza de que o seu público fará o mesmo.

Ilustra-se, assim, uma realidade social em que a vida das pessoas, de cada um de nós, se transformou num meio de comunicação – pode ser um *blog*, um canal no *Youtube*, ou um perfil no *Instagram*. É como se para existirmos socialmente, construirmos nossas identidades e sermos reconhecidos, precisássemos passar a vida dirigindo, roteirizando e transmitindo nossas *timelines*. Eis aí a razão pela qual Bauman (2008) dirá que, hoje, para sermos consumidores, devemos nos tornar antes, sublinhe-se, mercadorias que, evidentemente, precisam ser desejadas, ambicionadas.

A necessidade de Mari Maria em postar o que fazia com o filho durante a pandemia, agravada, provavelmente, por estar isolada de outras pessoas e não poder fazer em público o que fazia, é uma evidência da compreensão de Bauman colocada anteriormente (Bauman, 2008). Um outro exemplo, agora de ficção, é o episódio *Queda Livre*, o primeiro da terceira temporada da série *Black Mirror*. Neste episódio, não apenas as relações entre as pessoas, mas as formas como elas podem conseguir e/ou comprar algumas coisas, o tipo de emprego e alguns benefícios sociais dependem de como são avaliadas a partir de *likes* em rede social. A possibilidade de uma avaliação ruim faz com que quase todos sejam exagerada e artificialmente gentis, mesmo que não gostem do que acabou de avaliar de forma positiva.

Tal contexto, que promove pessoas e modos de ser no mundo em mercadorias, logo padronizadas e agradáveis aos olhos e gosto do consumidor, despersonaliza o indivíduo, sendo uma prática destrutiva (Ratner, 1995). Uma destas práticas destrutivas foi evidenciada nos subtemas “Vida editada” e “Influência de estereótipos”.

Em “Vida editada”, o argumento apresentado a seguir ilustra a potencialidade das redes sociais em suscitar a criação de uma forma de ser dos sujeitos que não corresponde com a realidade fora do virtual:

Kéfera: [...] quando surgiu a pandemia, eu desativei minhas redes sociais. Por dois anos e meio sem nenhum social, só o *WhatsApp* porque era o único jeito. Eu voltei tem um mês e meio para o

Instagram com um perfil novo, porque no antigo era muita máscara. E o motivo de desativar, eu tenho até hoje muitos gatilhos relacionado às redes sociais, essa coisa de tipo transparecer mais. Porque a vida das pessoas que eu via na *internet*, pessoas do meu lado, do cotidiano, não era pessoas influenciadoras, era uma vida totalmente diferente do que elas eram na vida real. E o que mais me tocou para eu desativar mesmo foi quando rolou uma agressão de um policial com um homem lá nos Estados Unidos e teve todo mundo se revoltando na *internet* [...] pessoas do meu meio [...] e quando o que gera aquilo acontece do lado delas, ninguém se importa de verdade. [...] todo mundo usa uma máscara de querer ser bom na *internet*, todo mundo luta pelos direitos dos outros, todo mundo quer ser empático, todo mundo fala de empatia, a falsa positividade, mas na verdade ninguém é aquilo que fica falando. (DC13).

Em “Influência de estereótipos” os integrantes destacaram a possibilidade de pessoas transformarem seus corpos para serem consumidos como produtos, como visto no depoimento abaixo:

Lucas Rangel: Durante a pandemia, era o que eu mais via, na verdade, porque eu ficava muito na *internet*. A gente via as *influencer*: “ah, fiz uma lipo, coloquei silicone, fiz enchimento e fiz isso”. E muitas pessoas anônimas acabam indo em busca daquilo. [...] muita gente morreu por causa disso, porque não sabe nem como é feito [...] e porque vê muita gente fazer e acha lindo nos outros, quer aquilo pra si, mas não tá nem aí para os riscos [...]. (DC12).

Lucas Rangel: [...] Anitta, numa reportagem, disse que quando ela postava uma foto no *Instagram*, ela super editava e aí ela chegou no cirurgião plástico e falou: “Olha, eu quero ficar assim”. [...] só que as *influencers* têm dinheiro e faz com uma pessoa de confiança e aí o pobre que junta 10 mil reais e acha um lugar mais barato pra fazer, acaba se colocando em risco, faz uma lipo, um procedimento completamente arriscado e sua vida é jogada fora. (DC13).

Retomando a questão das identidades, a pretensa liberdade que se deduz da condição em que cada sujeito-consumidor, independentemente de qualquer obrigação institucional, pode ser o que quiser, as identidades “fluídas” precisam estar, continuamente, sendo editadas segundo as novas tendências do mercado, sob pena de se tornarem obsoletas. O que, paradoxalmente, desdobra-se um novo tipo de coerção – agora, internalizada, autoconstruída. E, assim, o espectro da exclusão, da maneira como ele é percebido por cada indivíduo, perde qualquer dimensão coletiva, comunitária ou corporativa, para se tornar uma ameaça pessoal e exclusiva (Bauman, 2005).

Desnecessário dizer que é justamente o corpo, ou melhor, a imagem corporal, que se tornará o campo privilegiado das edições a que cada um, diuturnamente, se submeterá para se manter em destaque. Afinal, sob a ótica do consumo, o corpo sempre foi apresentado como um objeto pronto para transformações (Featherstone, 2000). Do que resulta em mais uma complicação para todos nós que precisamos agora mudar de forma o tempo todo: a ambiguidade da fluidificação daquilo que é “fixo”, “corpóreo” – condição, igualmente, causadora de angústia e aflição psíquica. O que, por sua vez, ajuda a explicar por que a construção da identidade é cada vez mais estética e, por consequência, a própria banalização das cirurgias plásticas, o fenômeno do *body shaming*, o uso indiscriminado de filtros de imagem e “avatars” na vida *online*, a epidemia de patologias ligadas a transtornos dismórficos, caso da vigorexia, da anorexia e da bulimia.

Na época em que ocorreu o advento e popularização da televisão, muitos estudos apontaram seu lado perverso, especialmente em relação a capacidade de manipulação das massas. Mas o que difere a televisão dos meios de comunicação que usam a *internet* é o alcance que esta última tem.

Assim, as vidas editadas, filtradas e narradas por quem posta nas redes sociais, especialmente as celebridades do momento (os *influencers*) são entendidas como reais. Isso intensifica não apenas estereótipos já existentes, mas indica para as pessoas que alcançar o padrão de vida ou corpo desejável está a um clique, *like*, ou alguma cirurgia estética, que pode ser paga por alguns mil reais em alguma clínica, que tem seu perfil divulgado a partir de

algoritmos que invadem as redes de quem visualiza este tipo de conteúdo, com “profissionais” que, muitas vezes, fez um ou outro curso de estética de modo *online*, com pessoas sem qualquer qualificação profissional. Até porque esta é a possibilidade para a maioria das pessoas, pois fazer cirurgia em uma clínica adequada, seguindo rigorosamente os padrões de saúde (respaldados em conhecimento científico), com profissionais devidamente qualificados, são para poucas pessoas, pois o custo é alto.

Por fim, o subtema “Riscos à saúde” demonstrou a preocupação do grupo com as questões que envolvem as relações entre o tema “Máscaras sociais”, redes sociais e a saúde, conforme ilustra os depoimentos abaixo:

Lucas Rangel: [...] questão das redes sociais, muitas vezes, a gente quer se comparar com outra pessoa e isso nos leva pra baixo. [...] já passei com muita questão do meu corpo. Eu olhava frente a frente o espelho e rejeitava o corpo. [...] a gente se compara e acaba frustrando essas coisas e a gente entra num lugar escuro que, muitas vezes, a gente nem sai. (DC12).

Boca Rosa: [...] Essa máscara social é o que tá acarretando muito problema de ansiedade, depressão. [...]. (DC12).

As repercussões deste tipo de sociabilidade em que virtual e real, muitas vezes, se misturam para alguns indivíduos, e a intensificação do individualismo neoliberal que responsabiliza/culpabiliza o indivíduo por seu fracasso (e quando consegue, o sucesso), vem interferindo de modo negativo no desenvolvimento das pessoas. Em relação a construção da personalidade, se ela depende diretamente dos aspectos sociais e culturais, como afirmou Leontiev (2004), há que considerar que os conteúdos empobrecidos e permeados por valores propagados pelas ideologias neoliberais são apropriados pelos indivíduos.

Não é mera coincidência que após a ampliação de acesso às redes sociais que impulsionou a fluidez nos modos de ser agir, como bem apontou Bauman (2008), vem se identificando o aumento significativo de sofrimento e adoecimento psíquico, especialmente entre adolescentes e jovens adultos, além de maior dificuldade em concentração, na aprendizagem e na sociabilidade em geral (Desmurget, 2021).

Em estudo de revisão integrativa realizado por Comin *et al.* (2024), verificou-se que a saúde mental de adolescentes pode ser impactada pela visualização de padrões de beleza e de vida inalcançáveis, incidência de comentários negativos e comparações constantes nas redes sociais, fatores que também influenciam o desenvolvimento da autoestima e da autoimagem. Com estudantes universitários, Godoy *et al.* (2024) identificaram que os sintomas de depressão, ansiedade e estresse apresentam relação direta com o uso ativo e passivo das mídias sociais. Os autores sugerem um olhar atento ao fenômeno das mídias sociais no sentido de refrear os riscos associados à saúde mental dos usuários.

Desdobramentos das Leituras de mundo e Tematização no GGD

Após definido o tema gerador da coreografia, a reflexão sobre as circunstâncias relativas a ele e à realidade dos extensionistas perpassou todo o processo educativo. Ainda que não seja objetivo deste estudo, vale ressaltar que as demais fases envolvidas no processo criativo, em especial, Aprofundamento e Escrita gestual, abrangeram pesquisas em diferentes meios (artigos, livros, documentários, notícias etc.), participação de professores de diferentes áreas de conhecimento convidados para fomentar debates etc., culminado em uma narrativa corporal expressa em forma texto coreográfico.

Fundamentados pelo entendimento de que a coreografia de GPT comunica uma mensagem do grupo sobre a temática trabalhada (Marcassa, 2004; Sborquia, 2008), consideramos pertinente apresentar a descrição verbal da narrativa gestual produzida pelo GGD para a compreensão do processo educativo como um todo. Explicitamos a seguir, o

material produzido pelos extensionistas-ginastas-criadores durante as fases de Escrita Gestual e Embelezamentos para orientar o processo criativo, o qual descreve os sentidos que o grupo intencionou expressar em cada cena coreográfica:

Coreografia: Quem é você?⁵

Sinopse: Num mundo de imagens, máscaras, filtros, efeitos, influências, o *like* se tornou o alicerce de tudo. É ele quem controla e descontrola pensamentos, ações, aparências e vidas. Esse objeto aí da sua mão (sim, esse mesmo, o "inofensivo" celular), na maioria das vezes, é você quem o usa ou ele que usa você? Até que ponto iremos nos iludir com filtros? Até que ponto estamos dispostos a nos mudar para sermos aceitos? Em meio a tantos filtros e supostas perfeições, o que realmente transparece? Em um mundo repleto de máscaras, quem é você?

Cena 1: Estamos no metaverso, conectados, em um mundo de ilusão, presos nas redes sociais. Me deparo com a realidade, não gosto do que vejo, ataco "meu amigo" pelas costas. Ele me ataca também e nos desfalecemos juntos, caímos ao chão. Somos atraídos pelas redes, nos deparamos com os influenciadores.

Cena 2: Influenciadora *fitness* aparece na *timeline*. Todos olhamos para ela hipnotizados, com os olhos dos nossos celulares. Ela nos mostra o que é o corpo perfeito, o corpo aceito pela sociedade conectada. Ela nos ensina como ter esse corpo perfeito, ele vende uma ideia de corpo. Nós queremos ter um corpo perfeito, queremos ser iguais a elas/eles, queremos o corpo ideal e para isso, não nos importamos com quem eles sejam, só queremos ser iguais – imitamos. Corpo como produto.

Cena 3: Os influenciadores também são influenciados, começaram a influenciar pela influência que receberam e que recebem a todo momento. Tentam se encaixar o tempo todo e, nesse movimento, são manipulados da mesma forma que manipulam seus seguidores. Os seguidores enxergam essa manipulação, uma rede de influências infinitas é criada, um ciclo que ninguém mais sabe onde começou. Quem é você? Quem sou eu?

Cena 4: Influenciadora de maquiagem aparece na *timeline*. Todos nós queremos ser influenciadores também, todos queremos ser musas. Adquirimos equipamentos para nos tornarmos *influencers*, cada um na sua casa com seu *ring light* tenta ser um *makeup influencer*.

Cena 5: Momento procrastinação. As redes sociais produzem informações rápidas que nos levam facilmente à procrastinação. Nos viciamos facilmente em vídeos curtos, imagens, textos fáceis e rápidos de leitura. Entramos em uma rolagem infinita enquanto a vida continua ao redor. Quando queremos sair da procrastinação, as redes tentam nos segurar.

Cena 6: Artista famosa aparece na *timeline*. Todos queremos ser iguais a ela. Queremos ter a mesma aparência, o mesmo corpo, as mesmas roupas, o mesmo modo de falar, o mesmo modo de ser. Fãs ultrapassam a linha da admiração e beiram o fanatismo. Artistas utilizam suas redes como uma forma de venderem suas obras e tudo mais que se relaciona a eles. Pessoas como produtos.

Cena 7: A vida nas redes sociais é volátil. A quantidade de novidades faz com que aquele que não acompanha, que não se encaixa, que foge ou tenta fugir do padrão, que contraria a normativa, que não toma cuidado com suas posições, seja cancelado. O cancelamento é cruel, produz o esquecimento, castiga, mata. O cancelado tenta voltar, se esforça, mas nem sempre consegue.

Cena 8: Após o cancelamento, seguimos em frente O que e quem vamos seguir agora? Quem vamos querer ser? Que padrão vamos seguir? A *timeline* continua rolando. A busca infinita por uma influência nos leva ao vício, novamente viciados, procrastinando de novo. Uma busca que não cessa. Será que sabemos ser se não for para ser alguém? E seguimos buscando até a morte.

Cena 9: Para tudo! Identificamos um problema, sabemos que há um problema, começamos a ter consciência de que temos um problema e que ele precisa ser enfrentado. Gostamos das redes, não vivemos sem elas, mas podemos usá-las de forma mais consciente. Podemos quebrar a lógica imposta. Podemos mostrar quem realmente somos, do que gostamos. Podemos nos comunicar, comunicar ideias, angústias, desejos, valores. Podemos mostrar nossos "eus" da forma mais verdadeira possível, podemos ser quem realmente somos também nas redes sociais, podemos ser diversos.

Cena 10: Quem é você? Sou quem eu quiser ser! Quem são vocês? Somos diversos, somos o GGD!

⁵ O vídeo completo da coreografia "Quem é você?" pode ser visto no Canal do YouTube do GGD: <https://www.youtube.com/watch?v=2YRu0SITbxA>

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Quando a GPT é desenvolvida na perspectiva da pedagogia freiriana, cada experiência é singular e seu desenrolar depende tanto dos sujeitos envolvidos quanto da realidade em que vivem. Logo, refletir sobre tais elementos nos possibilita um olhar para os modos do ser/fazer docente no sentido de aprimorar a prática da educação libertadora.

A experiência analisada ocorreu em 2022 e envolveu um grupo de jovens adultos que, como toda a humanidade, vivenciou o distanciamento social causado pela pandemia COVID-19 nos dois anos anteriores. Embora não tenha sido foco do estudo, não se pode negar que, durante e após esse momento histórico, as formas de se relacionar com as pessoas e com o mundo foram modificadas. Logo, em adição à circunstância marcada pela sociedade do consumo, é possível que a escolha pelo tema “Máscaras sociais” para impulsionar a criação coreográfica tenha sido influenciada pelo contexto de isolamento, em especial, se levarmos em consideração a ênfase dos argumentos associados às redes sociais, uma vez que a *internet* foi (e ainda é) a principal via de comunicação na sociedade atual.

Os resultados demonstram que, no exercício de ler o mundo, os integrantes do GGD trouxeram situações reais, experienciadas por eles próprios, as quais emanaram sentidos íntimos de uma história vivida coletivamente. O compartilhamento das ideias para a temática da coreografia expressou sentimentos latentes e o desejo de comunicar as inquietações do grupo, evidenciando o que Paulo Freire orienta sobre a investigação temática em um processo educativo libertador:

[...] o “tema gerador” não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o “tema gerador” é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis (Freire, 1994, p. 63).

Quando olhamos atentamente para a descrição verbal das cenas coreográficas, percebemos que os sentidos que o grupo intencionou expressar na gestualidade reflete muito do que foi discutido durante as fases de Leitura de mundo e Tematização. Isso demonstra que a construção do conhecimento (apresentado em forma de coreografia) pautada na reflexão sobre a realidade se deu de forma processual e contínua, perpassando todas as fases do projeto, do início ao fim da ação pedagógica extensionista. Ademais, nota-se que o protagonismo dos educandos foi evidente, uma vez que puderam compartilhar suas inquietações, desejos e saberes em uma relação de horizontalidade em que todos possuem voz e estão abertos para ouvirem seus pares (Lopes; Carbinatto, 2023; Lopes; Niquini; Leal, 2023).

Percebe-se, portanto, que desde o início da ação extensionista, os integrantes foram estimulados a refletirem sobre sua situação no e com o mundo. Logo, podemos considerar que, na proposta pedagógica do GGD, os educandos estão imersos em um processo educativo crítico que busca por uma formação humanizadora e emancipatória no intuito de se libertarem da realidade opressiva em que vivem e transformarem o mundo em um lugar mais justo (Freire, 1994), corroborando as diretrizes da extensão universitária que primam por ações que promovam a interação dialógica entre universidade e comunidade, o impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

Esperamos que a experiência relatada contribua e inspire possibilidades de desenvolver ações extensionistas que estabeleçam conexões com as pessoas e com o mundo, primando pela formação de sujeitos sensíveis e críticos aos temas emergentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciane Pinho de. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. **Diversité REcherches et terrains**, n. 7, p. 56-67, 2015.
- AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Portugal: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BOORSTIN, Daniel Joseph. **The image**: A guide to pseudo-events in America. Vintage, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire?**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- COMIN, Breno Cristiano; SOARES, Nandra Martins; MOMBELLI, Mônica Augusta. Mundo virtual e saúde mental: influência das mídias sociais na autoimagem dos adolescentes. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 5, p. e3727-e3727, 2024.
- CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Caminhos da aprendizagem na extensão universitária**: reflexões com base em experiência na Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec Editora, 2017.
- DESMURGET, Michel . A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2021. Tradução de Mauro Pinheiro.
- FEATHERSTONE, Mike. **Body Modifications**. London: Thousand Oaks and New Delhi Sage, 2000.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. Corpo e marca publicitária na sociedade das imagens. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 1, n. 1, p. 05-16, 2004.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus, AM, 2012.
- FREIRE, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma visão do processo. **Revista de Cultura da Universidade do Recife**, n. 4, p. 4-22, 1963.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. **Revista Paz e Terra**, n. 9, p. 123-132, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Editora Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1994.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária**: para quê?. 17 fev 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>. Acesso em 28 maio. 2018.
- GODOY, Patrícia Pasquali *et al.* Mídias Sociais e Sintomas Emocionais de Estudantes de uma Universidade Privada. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, p. 1-15, 2024.
- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. *In*: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (org.). **Ginástica para todos**: um encontro com a coletividade. Campinas: Editora da Unicamp, p.165-198, 2017.

Grupo de Ginástica de Diamantina – GGD. **Projeto**. Diamantina, MG, 2024. Disponível em: <https://ggdufvjm.wixsite.com/ggdufvjm> Acesso em 25 junho 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La survie du capitalisme**: la reproduction des rapports de production. Paris, Anthropos, 2002.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade, Consciência e Personalidade**. São Paulo: Mireveja, 2021.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. A imagem do mundo. In: GOLDER, Mario. (org.) **Leontiev e a psicologia histórico-cultural**: um homem em seu tempo. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica/Xamã, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. Os tempos hipermodernos. 1. ed. São Paulo: Barcarolla: 2005.

LOPES, Priscila; CARBINATTO, Michele Viviene. Princípios da pedagogia freiriana na extensão universitária em Ginástica para Todos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. 1-25, 2023.

LOPES, Priscila; NIQUINI, Claudia Mara; LEAL, Juliana Helena Gomes. Extensão universitária em tempos de pandemia: experiências com a ginástica para todos na perspectiva freiriana. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 11, n. 1, p. 105-123, 2023.

MARCASSA, Luciana. Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a prática**, v. 7, n. 2, p. 171-186, 2004.

MINAYO, Maria Cecília Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos (ed.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2005.

NASCIMENTO, Alan Faber. Lugares Turísticos Instagramáveis: autenticidade via imagem na era da sociedade midiática. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 10, n. 1, p. 1-7, 2020.

PROGRAMA DE BOLSAS DE APOIO À CULTURA E À ARTE – PROCARTE. EDITAL PROCARTE NO 02/2022. Diamantina, MG, 2022.

RATNER, Carl. A loucura. In: RATNER, C. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky**: aplicações contemporâneas. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 206-262, 1995.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. Construção coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In: Paoliello, Elizabeth (org.) **Ginástica geral**: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, p. 145-166, 2008.

SÈVE, Lucien. **Marxismo e a teoria da personalidade**. Lisboa: Horizonte, 1979.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, Myrian (org.) **Fundamentos das ginásticas**. 3. ed. p. 34-136, 2024.

Submetido em: 27/03/2025.

Aprovado em: 30/04/2025.